

O QUE HÁ NUM “S”? OU, ANTOLOGIAS DOS ANOS 90

ILDNEY CAVALCANTI (UFAL)

1. *The Norton Anthology of Literature by Women - The Traditions in English*. Sandra M. Gilbert & Susan Gubar eds. New York and London: W. W. Norton & Co., 1985 [rev. ed. 1996].

2452 pp. ISBN 0-393-96825-1 18.95

2. *Feminisms - An Anthology of Literary Theory and Criticism*. Robyn R. Warhol & Diane Price Herndl eds. New Brunswick: Rutgers University Press, 1991 [3ª ed. 1993].

1118 pp. ISBN 0-8135-1732-X 15.99⁸¹

Pode parecer estranho fazer a resenha de livros que são, de certa forma, já idosos: a primeira - e polêmica - edição da *Norton* completou dez anos em 1995, e *Feminisms* foi inicialmente publicado em 1991. Os motivos para tal são que neste ano o primeiro ganhou uma edição revisada, e que o segundo, já em terceira edição e mantendo a posição de mais vasta e acessível coletânea de artigos de estudos literários feministas disponível em inglês, pode ainda não ter alcançado leitoras/es no Brasil. Acredito que esses fatores justifiquem uma resenha tardia.

Não é apenas o peso - aqui entendido tanto em seu sentido mais literal quanto em termos de influência e autoridade - e o enfoque na questão de gênero que une esses dois volumes. Ambos resultam de esforços em colaboração por parte de duplas acadêmicas norte-americanas para compilar textos literários (no caso da *Norton*) e críticos (*Feminisms*) em antologias que sirvam de referência para

⁸¹ Números do ISBN e preços (em libra esterlina) referem-se às publicações em *paperback*.

cursos de estudos de gênero em países de língua inglesa. Os dois livros também compartilham a difícil condição de caminhar na corda bamba. Eles representam o 'outro' dos estudos literários de modo geral: não há como ignorar o status de 'apêndice feminino' destes dois volumes quando comparados, por exemplo, às outras antologias da Norton, ou ainda a coletâneas de crítica literária, onde as representações de autoras e da crítica feminista permanecem mínimas. Por outro lado, estas publicações ajudam a estabelecer um corpus literário e crítico no feminino que revela, precisamente ao ocultar, as outras (dissonantes?) vozes dos estudos feministas.

A nova edição da *Norton Anthology of Literature by Women* manteve praticamente o mesmo formato do volume que a antecedeu. O curto prefácio e os agradecimentos são seguidos pelas seções com introduções individuais que contêm as seleções de textos e excertos. Bibliografias selecionadas de cada autora (extremamente úteis para futuras pesquisas) e índice por escritoras e títulos, convenções das publicações da Norton, constam no final do volume. Outra convenção mantida são as anotações de pé de página, de grande ajuda para o esclarecimento de arcaísmos, alusões difíceis, expressões idiomáticas raras ou estrangeirismos. As seções correspondem a "fases" cujos conteúdos seguem ordem cronológica de acordo com a data de nascimento das escritoras: da idade média ao século XX, de Julian of Norwich (1342 - c.1416) a Rebecca Brown (1956 -). Nas suas quase 2500 páginas, encontram-se textos de 174 autoras, incluindo uma dezena de títulos de ficção mais longos - entre os quais *Jane Eyre*, *The Awakening*, e *Sula* - e quatro peças. Trata-se, portanto (e ainda), da mais abrangente antologia a reunir obras de escritoras de língua inglesa e de referência importante para estudantes e pesquisadoras/es da área. Talvez não seja exagero afirmar que adquirir essa publicação é o sonho da maioria dessas/es leitoras/es

E por falar em sonho, a primeira 'versão feminina' da *Norton* foi descrita pelas organizadoras como a transformação de "um projeto

utópico em realidade concreta” (1985: xxxii)⁸². Convém lembrar, porém, que a publicação veio ao mundo marcada pela ambivalência que caracteriza as críticas ao sistema masculino dominante. Esse “suplemento” (1985: xxvii) feminista que tinha por objetivo representar a “exuberante variedade” da literatura de autoria feminina em inglês “em todos os gêneros e períodos” (1985: xxvii) traduzia muita ambição e autoridade, além de propor uma tarefa estruturalmente impossível. O próprio texto introdutório se revela tendencioso ao dedicar “uma quantidade especial de espaço” a certas autoras, ou ainda ao tentar justificar a inclusão de obras cujos “enredos, temas e imagens têm sido especialmente importantes” para o estabelecimento de uma “tradição literária feminina” (1985: xxix). Diante disso, as restrições de espaço apresentadas como justificativa para a exclusão de textos de autoras “chicanas” e italo-americanas, por exemplo, soam, no mínimo, contraditórias. Finalmente, as autoras vagamente argumentam haver usado como critério de inclusão o “significado histórico, intelectual ou estético” de certos trabalhos (1985: xxx, 1996: xxxiii).

É claro que não faltaram críticas ao que terminou se transformando numa espécie de “cânone alternativo oficial”. Um pequeno histórico do debate gerado por ocasião da publicação da primeira edição foi feito por Donohue (1986). Gilbert e Gubar agora corajosamente revisam e editam a *Norton*. E a pergunta óbvia diante da versão anos 90 é: o que mudou em seu conteúdo? O “s” que a palavra *Tradition* ganhou no título desta nova edição aponta para o reconhecimento, por parte das organizadoras, do caráter monolítico da primeira edição. Ele também revela uma recente tendência, por parte da crítica feminista, em absorver a “diversidade das experiências das mulheres, diversidade em termos de herança cultural, de identidade racial, origem geográfica, preferência sexual, prática religiosa, e privilégio de classe” (xxix). A inclusão de obras de 45 autoras a mais vem, segundo Gilbert e Gubar, “expandir os contornos do cânone”

⁸² Todas as citações foram traduzidas por mim.

(xxxiii) através de maior variedade de gêneros literários, da origem étnica e geográfica das autoras, e de ampliações na representação de autoras individualmente. Tudo aparentemente muito politicamente correto, etc. e tal...

Não resta dúvida que a maior abrangência de enfoque da nova edição e a substituição de algumas autoras por outras demonstram flexibilidade nesta antologia e uma preocupação no sentido de prevenir a cristalização de um repertório de textos. Contudo, pontos obscuros ainda pairam no ar. Algumas autoras consideradas "clássicas" (xxx) permanecem com seus espaços garantidos neste quadro (quando não ampliados, como foi o caso de Edna St. Vincent Millay, Gertrude Stein e Sylvia Plath, por exemplo, que são "coincidentemente" norte-americanas brancas e de classe média). Além disso, o delicado assunto das duas dezenas de "sacrifícios" para que a inclusão de maior número de títulos e/ou autoras se tornasse viável não chega a ser abordado de forma convincente. Gilbert e Gubar mencionam superficialmente a participação de colegas através de consultas e questionários que ajudaram na decisão de quais textos "poderiam ser substituídos por outros de maior demanda" (xxx). Porém, sente-se a falta de maiores detalhes.

Apesar de tudo, o "s" do título não é pura retórica. Isso fica comprovado pelas substituições na lista de escritoras - iniciativa que, mesmo ainda envolta em obscuridade, caminha em direção à formação de uma tradição menos canônica - e pelas substanciais adições com que o volume conta. Esta ampliação de cenário foi principalmente marcante no período do século XX, com a inclusão de mais de 30 autoras de origens culturalmente diversas.

Feminisms, cujo "s" tem por objetivo salientar "a diversidade de motivação, método e experiência entre acadêmicas/os feministas" (x), marca a maioria da prática feminista de compilar antologias de textos de crítica iniciada nos anos 70. Assim como *Images of Women in Fiction* (Cornillon 1972) e *What Manner of Woman* (Springer 1977) tiveram espaço privilegiado representando um momento inicial da

crítica feminista. *Feminisms* parece ter vindo ocupar espaço semelhante nos anos 90. A diferença básica é que, ao invés de focar determinada metodologia ou assunto (abordagem ainda vigente em compilações de menor escala), essa coletânea visa à abrangência. O objetivo do projeto que resultou em *Feminisms* foi permitir o acesso de estudantes a uma diversidade de materiais sobre crítica feminista reunidos em um só volume.

Tendo uma colcha de retalhos como ilustração de capa e como metáfora para o seu princípio de organização, o livro é uma compilação de nada mais nada menos que 58 artigos e capítulos de livros e procura abraçar “o maior número possível de tendências contemporâneas da teoria literária feminista” (x). Cerca de oitenta por cento deles foi originalmente publicado nos anos 80, escolha justificada em termos do favorecimento de discussões ainda relevantes nos anos 90. As exceções são alguns dos textos que marcaram os anos 70, como os de Showalter, Gilbert e Gubar, ou os da “santíssima trindade” francesa (Cixous, Irigaray e Kristeva). O epíteto, aqui relevante por ecoar as conotações religiosas de “cânone”, foi criado por Eagleton (1996), que também lembra que, curiosamente, nenhuma das três acadêmicas acima é de nacionalidade francesa. Os textos franceses selecionados para *Feminisms* obviamente tiveram maior impacto nos países de língua inglesa depois de traduzidos. A contribuição mais recente é “The truth that never hurts: black lesbians in fiction in the 1980’s” de Barbara Smith (1990), cujo enfoque é ainda nos anos 80.

A seleção de Warhol e Herndl inclui, como seria de se esperar, trabalhos de todas as críticas feministas da lista das “treze mais” recentemente compilada por Eagleton (1996). Além das francesas, os outros nomes são: Susan Gubar, Elaine Showalter, Sandra Gilbert, Mary Jacobus, Cora Kaplan, Gayatri Spivack, Ann Rosalind Jones, Annette Kolodny, Barbara Smith e Bonnie Zimmerman. Todas estão representadas pelos seus textos mais conhecidos, e algumas receberam mais de uma entrada (Kolodny e Irigaray, por exemplo).

Os textos são organizados primeiramente em treze temas: instituições, metodologias, cânone, tradição, corpo, desejo, leitura/recepção, discurso, grupo étnico, história, classe, homens e autobiografia. Quatro a seis textos seguindo ordem cronológica compõem cada seção. Eles são precedidos por ótimas introduções que esclarecem como o tema foi concebido, salientam a relação entre cada contribuição e a temática da seção, e identificam os paradigmas teóricos e/ou metodológicos que orientam os artigos/capítulos incluídos. É interessante observar que os textos de "homens" não são escritos apenas por homens. Os quatro títulos desta parte, dois dos quais são de autoria masculina, levantam questões quanto ao lugar ocupado pelos críticos nos estudos feministas, ou pelos homens no feminismo, ou ainda referentes à contribuição do feminismo para se alcançar um melhor entendimento da subjetividade masculina. O caráter não separatista de *Feminisms*, ainda que tímido, fica comprovado também em outras seções através da colaboração de cinco críticos, entre os quais Paul Lauter com dois artigos e Paul Smith que editou, com Alice Jardine, *Men in Feminism* (1987). Essas inclusões ajudam a documentar um retorno importante do debate sobre homens e feminismo.

Diante da abrangência (vide os números mencionados acima) e utilidade da *Norton* e de *Feminisms*, mencionar algumas lacunas torna-se inadequado. Por outro lado, não podemos também ignorar que elas existem, e que o silêncio fala. E certamente fala mais alto em se tratando de compilações feministas. Neste ponto, Warhol e Herndl foram muito mais cuidadosas ao justificar suas escolhas, abordar a arbitrariedade na organização do material em seções, e reconhecer a impossível conciliação entre a autoridade de construir uma antologia e as práticas feministas. Além do prefácio mais esclarecedor, as seções intituladas "cânone" e "tradição" - que demonstram que estes continuam sendo temas cruciais na crítica feminista - servem, num outro nível, para salientar a auto-crítica das organizadoras. E finalmente, a inclusão ao final do volume de sugestões para

organizações alternativas do material de *Feminisms* (desta vez em 42 tópicos) mais uma vez ilustra o cuidado das pesquisadoras.

Em seu artigo sobre “quem é quem” e “onde é onde” na construção dos estudos literários feministas, Eagleton (1996) aborda o problema da inclusão/exclusão inerente às compilações de antologias. Ela menciona o embaraço diante da constatação de que sempre existirá um possível suplemento suprimido e, especificamente no caso de publicações na área de estudos de gênero, a falha ética ao duplicar o modelo patriarcal. Eagleton também critica a rapidez com que o embaraço e a preocupação com a questão ética são rapidamente descartadas por acadêmicas feministas. Ela sugere que, ao invés de serem facilmente “digeridos”, esses fatores deveriam servir para estimular o questionamento e a ação política.

O que a nova edição da *Norton e Feminisms* procuram fazer, cada volume a seu modo, é problematizar a formação de um cânone literário e crítico. O primeiro “abala” as respeitadas e estabelecidas edições Norton através das mudanças na nova edição e o segundo articula suas próprias preocupações éticas e seu próprio embaraço numa introdução bem argumentada. Nos dois casos, o “s” do título é revelador de consciência política, auto-questionamento, e pluralidade nos feminismos dos anos 90. Publicações irmãs, estas duas antologias se complementam de várias formas e constituem valiosa fonte de pesquisa, ótima leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Donohue, D. (1986) "Feminism's Agenda in Literary Studies: A Criticism of One's Own." *The New Republic* 194 (10): 30-34.
- Eagleton, M. (1996) "Who's Who and Where's Where: Constructing Feminist Literary Studies." *Feminist Review* 53 (Summer): 1-23.
- Gilbert, S. & Gubar, S. eds. (1985) *The Norton Anthology of Literature by Women - The Tradition in English*. New York and London: W. W. Norton & Co.